PSICANÁLISE

Organizador

Claudio Castelo Filho

Sobre o feminino

Reflexões psicanalíticas

Blucher

SOBRE O FEMININO

Reflexões psicanalíticas

Organizador

Claudio Castelo Filho

Sobre o feminino: reflexões psicanalíticas
© 2018 Claudio Castelo Filho

Imagem da capa: *Rêverie*. Claudio Castelo Filho. Acrílica sobre tela, 80 cm x 100 cm, 2012.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sobre o feminino : reflexões psicanalíticas / organizado por Claudio Castelo Filho. – São Paulo : Blucher, 2018.

200 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1299-7

1. Feminino – Psicanálise 2. Mulheres e psicanálise 3. Feminino – Ensaios I. Castelo Filho, Claudio.

18-0351 CDD 155.333

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise : Feminino

Conteúdo

1. Sobre o feminino 13
Claudio Castelo Filho

2. Violência ao feminino 49
Cândida Sé Holovko

3. Uma janela com vista 75
Anne Lise di Moise Silveira Scappaticci

4. Violência feminina: as mães na dinâmica incestuosa 97
Gisele Gobbetti

5. Sobre mistérios e segredos 111
Renato Trachtenberg

6. O que querem os homens? 133
Maria Luiza Lana Mattos Salomão

7. Conversando com a neta 157
Ana Maria Stucchi Vannucchi

8. Matrioskas 177
Maria Helena Fontes

Sobre os autores 187

1. Sobre o feminino

Claudio Castelo Filho

Este capítulo se desenvolveu a partir de um convite que recebi para fazer uma conferência sobre o tema em uma exposição de pinturas em acrílica sobre tela de minha autoria que ocorreu no início de 2016, porque a figura feminina tem sido um dos principais temas de meu trabalho pictórico, que se desenvolve em paralelo ao meu ofício como psicanalista, professor, pesquisador e escritor de livros e artigos científicos. Queriam que eu discorresse, enquanto psicanalista e artista, sobre o tema que ocupava a maioria de minhas telas. A conferência que proferi na ocasião teve como público principal um grupo de empresárias e o espaço expositivo foi proporcionado por uma destacada mulher de negócios do campo da moda feminina, Eliana Mortari. A curadoria da exposição também foi feita por uma competente *marchand*, a colega psicanalista Adriana Cruz Storte Pollara.

Minha pintura sempre teve como motivo principal a figura feminina. Penso que os estímulos vindos de minha mãe, babá e avós foram pedras angulares nessa prevalência. Tanto para recriar os lindos desenhos de minha mãe quanto os fabulosos mundos

oníricos e feéricos dos contos de fadas que foram contados ou lidos para mim e meus irmãos.

Valendo-me de um "jargão" psicanalítico, minha pintura, com esse destaque para a presença da figura feminina, estaria associada à preservação do seio (que é um atributo psíquico da mãe) assim como à restauração constante dele. Conforme o que postularam Melanie Klein e Hanna Segal,[1] é fundamental, para toda atividade criativa, dispor de um "seio bom" internalizado (desenvolvo melhor essa ideia adiante).

A babá, uma negra baiana neta de escravos chamada Hermelinda (devia ser parente de Hermes, o mensageiro dos deuses), minha "segunda mãe" (e de minha mãe, pois quando ela nasceu Hermelinda já trabalhava na casa de meus avós) passou boa parte de minha infância narrando contos de fadas, para mim, meus irmãos e primos, tal como Sherazade das *Mil e uma noites*, pois as narrativas se arrastavam por dias antes de chegarem ao final, ficando sempre o suspense, em que príncipes e princesas comiam o pão que o diabo amassou, tecendo tapetes de urtiga, sendo enterrados vivos, transformados em cisnes e coisas similares, antes que se chegasse a um final espetacular e feliz. Invariavelmente, tudo terminava num casamento colossal, com festas que duravam sete dias e sete noites. Ela dizia que tinha comparecido a elas e recebido inúmeros regalos dos anfitriões, muitos presentes e doces que nos traria. No caminho de volta, carregando todos eles, escorregava na "Ladeira do Quiabo" e tudo se perdia (na minha mente tudo caía num riacho e era levado pelas águas), para meu desalento e de meus irmãos.

---

1 Melanie Klein (1882-1960) é a mais importante e relevante autora psicanalista até os dias atuais, nascida na Áustria e falecida em Londres, onde sua obra acabou tendo um impacto profundo e fundamental no desenvolvimento da psicanálise. Hanna Segal (1918-2011) foi uma importantíssima seguidora de Klein e produziu uma obra de enorme relevância.

Sempre perguntávamos por que ela não tinha corrido para recuperar tudo, mas sempre em vão.

Já minha mãe nos brindava com livros ilustrados dos irmãos Grimm, de Charles Perrault ou de Andersen, com suas princesas frágeis, rainhas imponentes, dragões, anões misteriosos, bruxas malvadas e cavaleiros valentes. Ela também produzia belos desenhos de perfis e rostos de mulheres que eu tanto admirava e tentava fazer igual. Ela tinha pensado em seguir as artes plásticas, mas acabou se formando enfermeira, depois psicóloga e psicanalista na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, e deixou os desenhos de lado.

Essas narrativas mágicas estão de alguma forma presentes em minhas pinturas, com mulheres impactantes e arrebatadoras ocupando a cena principal. Há cenários fabulosos e míticos que aparecem em parte dos meus trabalhos, contrastando com os de outros em que surge a vida do cotidiano ou de viagens de pessoas (mulheres) comuns, que têm sido mais habituais em meus trabalhos mais recentes.

Em numerosas pinturas, contudo, figuras femininas surgem em ambientes de proporções extraordinárias ou muito suntuosos, inspirados nas salas do Louvre ou de Versalhes, e também nos filmes de Luchino Visconti, com suas mulheres belíssimas e sofisticadíssimas quase sempre envolvidas por muitos véus e tecidos preciosos em estonteantes filmes de época como *O leopardo* e *Morte em Veneza*.[2]

---

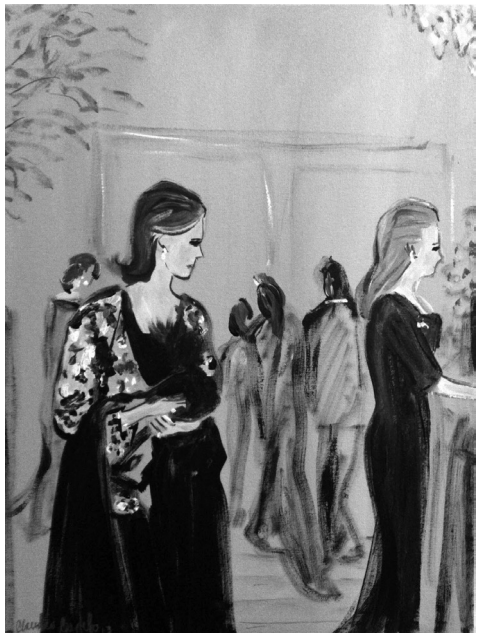
2 Em Visconti é evidente a tentativa de recriar em seus filmes sua mãe, duquesa de Grazzano, falecida nos anos 1920 de tuberculose. Era de origem burguesa, mas muito rica, da família Erba (dos laboratórios farmacêuticos); havia sido pedida em casamento pelo rei da Sérvia e recusou, e finalmente casou-se com o duque de Grazzano, da família Visconti, uma das mais nobres de Milão e da Itália. Para mim, sempre conjeturo que parte de minha produção artística tem relação com a possibilidade de recuperar um mundo fabuloso que se perdia a

Outra fonte de inspiração vem da literatura e da descrição de mulheres fascinantes como a duquesa de Guermantes ou Odette de Crécy, de *Em busca do tempo perdido* de Proust (1954), das protagonistas extraordinárias de Maupassant, de Machado de Assis, de Eça de Queiroz, de Tolstói – sendo Ana Karênina (Tolstói, 1877/1971) a mais emblemática, sem falar da encantadora Natasha de *Guerra e paz* (Tolstói, 1869/1972) – e, não menos importante, ou mais do que todas elas, a minha esposa, que serve de modelo para muitos de meus quadros. Ressalto, no entanto, a produção de uma mulher e suas personagens impactantes: a grande escritora americana Edith Wharton – cujo romance mais famoso é *A era da inocência*, que Martin Scorsese transpôs num filme belíssimo com Michelle Pfeiffer e Daniel Day-Lewis –, de quem li praticamente todos os seus romances extraordinários.[3]

---

cada escorregada que a babá dava na famigerada "Ladeira do Quiabo" e do mundo quimérico que me era trazido por minha mãe e os livros de contos de fada que ela fornecia, além de seus belos desenhos.

3 Infelizmente a maioria deles não foi traduzida para o português. Quem puder, leia seus grandes romances e contos. Tenho particular admiração por *The Custom of the Country*, um dos mais bem feitos "tratados" sobre a inveja que já li – na verdade um belíssimo romance que nos faz ter acesso a dimensões da mente humana que dificilmente encontramos em numerosos trabalhos científicos sobre o tema –, pelo fantástico *Twilight Sleep*, que poderia ser traduzido como sono crepuscular, mas na verdade é o nome de um gás que se dava a parturientes no início do século XX para que não sentissem as dores do parto (descobriu-se depois que produzia danos neurológicos graves aos bebês gestados). O livro não trata de partos ou de bebês lesionados, mas o nome serve como analogia para as situações vividas em uma família das altas rodas nova-iorquinas no início dos anos 1920, sobretudo das relações de uma mãe com sua filha. Há ainda o derradeiro e inacabado *The Buccaneers*, sobre herdeiras de famílias *nouveaux-riches* americanas de meados do século XIX que são levadas para a Inglaterra em busca de aristocratas necessitados de dinheiro para polirem seus brasões, os quais, com os casamentos que viessem a se realizar, elevariam a situação social das moças e de suas famílias por meio dessas alianças. Wharton escreve de uma maneira que torna praticamente impossível abandonar um de seus livros após a leitura de dois ou três



***A Night to Remember*. Claudio Castelo Filho. Acrílica sobre tela, 40 cm x 30 cm, 2013. Coleção particular.**

Wharton foi uma moça nascida em uma tradicional e rica família nova-iorquina do final do século XIX, criada para casar-se e ser uma grande dama com as funções de cuidar da casa, dos filhos, estar em jantares e cerimônias em que servisse de ornamento para o marido. Teve uma esmerada educação por tutores tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, onde sua família viveu por seis anos. Casou-se com o milionário Edward Wharton, porém foi infeliz no matrimônio. Desde cedo revelou seu pendor a ser escritora.

---

parágrafos. Depois de começados, passamos a devorá-los de tão bons e instigantes que são e, quando os terminamos, ficamos ansiando por mais e lamentando muito o término. Saliento também a influência que tive da obra de Madame de La Fayette, *La Princesse de Clèves*, e das *Lettres* de Madame de Sévigné para sua filha, Madame de Grignan.

Seu primeiro grande romance, publicado em 1905, *The House of Mirth*, teve um razoável sucesso. Seis anos depois publicou *Ethan Frome*, que solidificou sua reputação como autora. Em 1913, não hesitou em escandalizar o seu círculo e divorciou-se, mudando para a França, onde viveu por grande parte de sua vida até morrer. Tornou-se, juntamente com seu amigo e mentor, Henry James, uma Proust americana, ganhando o prêmio Pulitzer por *The Age of Innocence* e tornando-se a primeira mulher a receber – no início do século XX!!! – um milhão de dólares por uma obra publicada! Na França, durante a I Guerra Mundial, colaborou no cuidado de feridos dessa monstruosa carnificina. Todavia, a despeito de radicar-se na Europa, sua obra sempre girou em torno da alta sociedade nova-iorquina, por meio da qual ela descreveu aspectos universais de organizações sociais e captou profundamente questões psíquicas da mais alta relevância, descrevendo-as de maneira única.[4]

Voltando à duquesa de Guermantes de Proust e de como o personagem evolui ao longo do colossal romance *Em busca do tempo*

---

4 No que tange ao universo feminino tenho em mente também as escritoras Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector e, mais recentemente, ocupando-se da intimidade da mulher, a obra eletrizante de Elena Ferrante. Possivelmente para forte objeção de muitas leitoras, não tive maior simpatia pelo que li de Simone de Beauvoir, sobretudo por conta de seu livro *Os mandarins* (Beauvoir, 1954). Uma grande violência perpassa seu escrito, parecendo haver uma rejeição brutal do aspecto maternal e do seio que alimenta e provê, a despeito do personagem principal, seu alterego, apresentar-se como psicanalista de crianças! Também considero que há muitos cacoetes de escrita em sua narração. A atribuição de características pouco louváveis de Sartre que ela transferiu ao personagem que seria associado ao então amigo Camus, que levou à ruptura desse último com o casal, a negação consciente confessada nesse livro das atrocidades de Stálin em prol dos interesses do Partido Comunista Francês pelos personagens que correspondiam a ela mesma e a Sartre e a exposição da intimidade de seu amante americano que inspirou de modo pouco disfarçado a obra que o deixou com horror a ela também me mobilizaram negativamente. Os maus modos e a arrogância do casal quando de sua vinda ao Brasil, igualmente.

perdido no olhar do narrador Marcel, ocorre-me um paralelo com a evolução que pode ocorrer na mente de um bebê ao olhar o seio, a mãe, do início idealizado dos primeiros contatos até a percepção mais realista da vida madura. No começo do romance, ela era uma figura mitológica, praticamente irreal, fantástica, que durante cerimônias de casamento ou batizados na igreja de Combray, quando ainda usava o título de princesa dos Laumes, era percebida como algo próximo a uma miragem, que descia diretamente dos vitrais da igreja, pairava flutuando sobre o piso. Em seguida, quando o narrador é um jovem vizinho da duquesa em Paris, ele a vê como uma inalcançável e idealizada dama da altíssima sociedade, cujos círculos ansiava poder frequentar. Quando é chamado pela primeira vez à sua casa, surpreende-se que os convidados daquela dama, cuja situação no topo do estrato social parecia não ter rivais, bebiam suco de laranja e não néctar dos deuses olímpicos. Em *O tempo redescoberto*, encontrando-a após algum tempo e em idade madura numa festa da nova princesa de Guermantes, ao se aproximar dele, ela o chama de seu mais velho amigo. Ele, então, dá-se conta de que ela era uma mulher como tantas outras, a despeito da profusão de joias que a cobriam.

O seio, como percebeu a grande psicanalista Melanie Klein a partir de seu trabalho primoroso com crianças (que ela foi a primeira a exercer), seria mais importante do que o pênis, como pensava e formulou Frank Julian Philips,[5] diversamente do que pensou Freud. Para mim, não obstante a evidente primazia do seio,[6] eles são complementares. O seio e o pênis representam *fun-*

---

5 Analista didata e um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Foi analisado por Klein e depois por Wilfred Bion, tornando-se amigo dele após o término de sua análise. Também era membro da British Psychoanalytical Society.

6 É notoriamente conhecido por pessoas que trabalham com pacientes em estados terminais que eles costumam clamar pela mãe nos seus últimos momentos.

ções mentais,[7] e como tais aqui estão sendo considerados. A mãe e o *rêverie* da mãe, como denominou outro gênio da psicanálise, Wilfred Bion, ele próprio também analisado por Melanie Klein, é a relação mais importante para o desenvolvimento da capacidade de pensar de qualquer indivíduo.

Klein postulou que, no início de nossas vidas como bebês, nosso equipamento mental é muito pouco desenvolvido. Tal como nosso trato digestivo, que não é capaz de digerir alimentos, salvo aqueles que de alguma forma já foram digeridos e transformados pela mãe em forma de leite, nossa mente também precisaria da mãe (ou das funções maternas) para transformar nossas vivências emocionais, sobretudo as frustrações inevitáveis da vida desde seus primórdios e as experiências emocionais a elas associadas, em algo que possa ser "palatável", digerível e assimilável. Aquilo que não podemos assimilar mentalmente é, da mesma forma que os alimentos materiais, vomitado ou evacuado, por meio de algo que ela denominou de identificações projetivas.

Identificações projetivas ("Notes on Some Schizoid Mechanisms", Klein, 1946/1980) são vivências emocionais associadas a experiências intoleráveis para os bebês, ou para qualquer pessoa adulta que não tenha suficiente desenvolvimento e espaço mental para abarcá-las e assimilá-las. Em outras palavras, todas as percepções de estímulos internos (incluindo os que informam os órgãos dos sentidos e as emoções associadas ao que evidenciam) ou externos que são vivenciados como insuportáveis ou inaceitáveis para o bebê ou o indivíduo em situações em que as vivências ultrapassem as capacidades de processar seu impacto são "moídas" na mente do bebê (ou do adulto) e, juntamente com os aspectos do aparelho perceptivo e mental que entram em contato com elas, são ejetados, em fantasia onipotente, para fora do *self* e projetadas no ambiente.

---

7 Ou elos de ligação, como assinalou Bion em "Transformations" (Bion, 1977a).

Dessa forma, aspectos da própria personalidade (ego) são excindidos e projetados no ambiente ou em algum depositário nele. O ambiente ou o depositário, em geral quem estiver mais próximo, fica permeado por essas vivências e aspectos da personalidade do indivíduo que os expeliu, sem que ele se dê conta disso. Segundo Klein, os aspectos do ego do bebê que "invadem" em fantasia o objeto que o circunda, em geral a mãe, teriam a meta de controlar o objeto (mãe/seio) desde dentro dele, para obter tudo o que dele necessita e para borrar as distinções entre o eu e o não eu, tão difíceis de tolerar quando se é desvalido como um pequeno bebê, que depende de forma vital de quem dele se ocupa.

Uma das funções da identificação projetiva é de proteção primitiva para a mente. A fantasia de que o objeto externo do qual o bebê depende para sobreviver está sob seu controle e pode não se distinguir de si mesmo (a mãe, o seio ou o que é sentido necessário ou do que se depende passando a não mais se distinguir, numa dimensão fantástica, do próprio bebê, que dessa forma, pelo menos momentaneamente, poderia sentir-se menos à mercê dos eventos e de sua condição desamparada, pois os recursos da mãe/seio passam a ser dele ou controlados por ele) pode ter a capacidade de confortá-lo diante de vivências terroríficas. Da mesma forma, partes de si mesmo que são sentidas como ameaças que vêm de dentro e com as quais não se vê com recursos para enfrentar são como que expulsas de dentro de si e passam a ser vistas como sendo parte do ambiente (a ameaça invisível, intolerável e inescapável que vem de dentro passa a ser percebida como vindo de fora e adquire uma forma – o "inimigo" torna-se "visível" e poderia, desse modo, ser "enfrentado"; essa defesa está na origem da paranoia e, por conta disso, Melanie Klein denominou esse período inicial da vida e o funcionamento mental a ele associado de posição esquizoparanoide).[8]

---

8 Posteriormente verificou-se que nossas mentes sempre podem operar de for-

Enquanto se tem uma mãe ou pessoas adultas capazes de cuidar efetivamente do bebê, os quais até se deixam "manipular" pelas ações correspondentes a essa fantasia onipotente que é a identificação projetiva, atendendo a necessidade que acaba sendo verificada pela estimulação de reações emocionais que as ações do bebê mobilizam na mãe ou responsável para atendê-lo, tudo vai bem. O problema ocorre quando não se é mais um bebê e esse modo de proteção mental permanece como *modus operandi* prevalente sem alteração ou substituição. Quando não se é mais um bebê e não se dispõe mais de mãe ou de outros adultos que possam cuidar de si, o uso recorrente e predominante desse modo de operar mentalmente torna-se um considerável problema, da mesma forma que armaduras foram um instrumento de grande valor na Idade Média para sobrevivência, mas se tornariam um considerável estorvo ou ameaça à mesma sobrevivência se deixassem de ser objetos de museu e fossem utilizadas por soldados nas guerras atuais.

Valho-me de dois exemplos dramáticos de minha clínica, de antigos atendimentos.

Uma pessoa com quase 60 anos de idade apresentava-se constantemente como alguém tão desvalido quanto um bebê ou criancinha pequena. Tentava produzir (inconscientemente) em mim, e certamente nos ambientes em seu entorno, um sentimento de culpa e dívida moral para com ela, que por ser "tão desvalida" implicaria, segundo sua fantasia inconsciente, a obrigação de terceiros de "adotá-la" e cuidar dela. Tal modo de funcionar teria uma razoável eficácia caso se tratasse de um bebê de fato, mas, mantendo-se em

---

ma esquizoparanoide quando uma situação estressante ultrapassa nossa condição de elaborá-la. Bion propôs a relevância de uma oscilação constante de posição esquizoparanoide para depressiva e vice-versa como uma condição fundamental para o crescimento da psique, mas essa é uma história que não vou desenvolver aqui e deixo a recomendação para quem possa se interessar que leia seu livro *O aprender com a experiência* (1977a).

Organizador

Claudio Castelo Filho

PSICANÁLISE

Sobre o feminino

Reflexões psicanalíticas

Blucher

Clique aqui e:

Veja na loja

Sobre o Feminino

Reflexões Psicanalíticas

Claudio Castelo Filho

ISBN: 9788521212997
Páginas: 200
Formato: 14 x 21 cm
Ano de Publicação: 2018